



Um estudo sobre a utilização do aplicativo *WhatsApp* por universitários de Jornalismo da Faculdade Estácio de Macapá¹

Danyelle Marques Freire da Silva²
Vanessa da Silva Salgado³
Faculdade Estácio de Macapá

Resumo

Este estudo procurou analisar como o aplicativo *WhatsApp* é utilizado pelos estudantes do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de Macapá. Diversos aplicativos de celulares possibilitam a troca de informações de texto, dentre os mais usados, encontra-se o *WhatsApp*, que, além da troca de mensagens em forma de texto, dá a possibilidade de criação de grupo que compartilham imagens, vídeos e áudios. O objetivo do trabalho foi mostrar como a rapidez das informações divulgadas por este aplicativo colabora com a troca de informações entre discentes e docentes do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de Macapá. A metodologia utilizada na pesquisa foi, a pesquisa bibliográfica e entrevista estruturada com os alunos, professores e coordenadora do curso e, através destas, pudemos concluir que o aplicativo tem mais qualidades positivas que negativas em relação à troca de informações no ambiente educacional.

Palavras-chave: Whatsapp; Informação; Tecnologia da Comunicação; Interatividade.; Comunicação de Massa.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a primeira década do Século XXI foi marcada pela imersão da sociedade na era digital. A cada ano, novas pesquisas¹ apontam que a população do país está cada vez mais conectada, seja por meio do acesso à internet em residências ou via aparelhos móveis, como *tablets* e celulares. Uma demonstração dessa nova realidade é a grande quantidade de usuários que passam longas jornadas do seu tempo nas redes sociais.

Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que 83 milhões de pessoas, com 10 anos ou mais, afirmaram ter acesso à rede mundial de

¹ Como exemplo temos a pesquisa inédita feita pelo Ibope a pedido da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, que mostrou que o brasileiro com acesso à internet passa mais tempo na web todos os dias do que em qualquer outro meio de comunicação. Em média, são 3h39 diárias. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/brasileiro-passa-mais-tempo-na-internet-que-na-tv-diz-pesquisa-11810499>

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



computadores no ano de 2012, o que corresponde a 49,2% da população desta faixa de idade. No ano anterior, foram 77,7 milhões. Diante desse contexto, empresas e organizações sociais e políticas passaram a programar uma política ofensiva de marketing digital e de relacionamento no espaço on-line. Trata-se de aproveitar a oportunidade aberta de diálogo com o público consumidor, que ocupa esse espaço de forma inteligente, compartilhando ou até mesmo gerando conteúdo.

Em todas as sociedades os indivíduos ocupam-se da criação e da troca de informações e de conteúdo simbólico. De acordo com Thompson (1998, p.19), “desde as mais antigas formas de comunicação gestual e de uso da linguagem até os mais recentes desenvolvimentos na tecnologia computacional, a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais da vida social”.

Com isso o advento da informação faz com que a tecnologia desenvolva aplicativos e formas para que os meios digitais fiquem cada vez mais eficientes, rápidos e alcance o maior número de pessoas em uma velocidade cada vez maior.

Dentre os meios de transmissão de conteúdo existe o *WhatsApp*. Um aplicativo que vem se destacando cada vez mais, devido à facilidade de acesso e à velocidade na qual a informação é recebida e repassada, através de aplicativos móveis, especificamente os celulares, *tablets* e *IPODs*. Thompson (1998) caracteriza como “meio técnico” o substrato matéria com que, ou por meio do qual, a informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor. “Todos os processos de intercambio simbólico envolvem um meio técnico de algum tipo.” (THOMPSON, 1998, p. 26).

Para realizar esta pesquisa, foi necessário entrevistar usuários deste aplicativo e, para esta amostragem, foram selecionados universitários do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio/Seama. Este Curso começou, em 2001, a fazer parte da grade de graduação ofertada por esta instituição, sendo construído por Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

De acordo com a coordenadora dos cursos de Comunicação Social, Raquel Schorn de Oliveira, o curso de Jornalismo teve autorização do MEC pela portaria 139 de 1º de fevereiro de 2001. Desde então, 18 turmas já se formaram pela instituição, sendo que os primeiros anos até o ano de 2008, haviam turmas nos períodos da tarde e da noite.

* Trabalho apresentado no D11 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



Para melhor conduzir nosso estudo desenvolvemos o artigo em três partes. A primeira intitulada “Comunicação de Massa”, que mostra o entendimento de pesquisadores como Thompson, Santaella, Holtzman, Lévy e Marcondes Filho, e saber como tratam as questões da comunicação midiática. A segunda parte procura contar a história do aplicativo WhatsApp, mostrando como se deu sua criação e a rapidez da sua aceitação em todo o mundo. A terceira é a pesquisa em si, onde fizemos um levantamento das questões abordadas nas entrevistas com os alunos e professores de jornalismo e coordenadora de Comunicação Social da Faculdade Estácio/Seama, chegando assim ao alcance dos nossos objetivos.

A importância deste trabalho se afirma pelo ponto de vista de que, com o avanço tecnológico e a velocidade da informação, os indivíduos estão cada vez mais dependentes desses meios e, através deles a informação pode atingir e cumprir, com maior eficácia seu papel: fazer com que a mensagem chegue até os indivíduos e grupos que tenham interesses comuns.

Comunicação de Massa

Thompson (1988) explica o termo comunicação de massa: A expressão “massa” é um termo enganoso por evocar a ideia de um grande público o que não havia nos primórdios da imprensa escrita e na contemporaneidade algumas editoras de livros e revistas é relativamente pequena e especializada.

Assim, se o termo “massa” deve ser utilizado, não se pode, porém, reduzi-lo a uma questão de quantidade. O que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que esses produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários. (THOMPSON, 1998, p. 30).

Sendo assim, o Whatsapp caracteriza-se como um meio de comunicação de massa por estar disponível para uma multidão de usuários. Estes têm a oportunidade de criarem grupos, muitos com finalidade corporativa, fazendo com que o aplicativo seja um dos mais populares no mundo e no Brasil. Pode-se também fazer o envio de imagens, áudios e até mesmo vídeos, o que torna o aplicativo ainda mais atrativo para os que o utilizam.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



Estas características do aplicativo comprovam o outro aspecto em que o termo “massa” pode enganar. Que sugere que os destinatários dos produtos da mídia são compostos por uma grande quantidade de pessoas totalmente passivas e indivíduos imparciais.

Esta é uma imagem associada a algumas das primeiras críticas referentes à “cultura de massa” e a “sociedade de massa”, críticas que geralmente pressupunham que o desenvolvimento da comunicação de massa tinha um grande impacto negativo na vida social moderna, criando um tipo de cultura homogênea e branda, que diverte sem desafiar, que prende a atenção sem ocupar as faculdades críticas, que proporciona gratificação imediata sem questionar os fundamentos dessa gratificação. (...) Devemos abandonar a ideia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares. Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico, e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja absorve água. (THOMPSON, 1998, p.31).

Através do aplicativo as pessoas trocam informações e interagem entre si. Respondem perguntas, fazem ponderações e trocam conteúdos simbólicos das mais diversas naturezas e temáticas. O site do aplicativo classifica-o como sendo um aplicativo de mensagens de múltiplaplataforma que permite trocar informações gratuitas pelo celular. Está disponível para iPhone, BlackBerry, Android, Windows Phone, e Nokia Além das mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio.²

Devido a essas possibilidades e a característica das mensagens serem “multiplataforma”, o aplicativo pode se caracterizar como “hipermídia” pela hibridização de linguagens, processos sógnicos, códigos, mídias que ele aciona e, conseqüentemente, na mistura de sentidos dos receptores, sinestesia que as mensagens trocadas neste aplicativo são capazes de produzir à medida que o receptor ou leitor imersivo interage com ele, cooperando na sua realização.

Piscitelli apud Santaella (2002, p 26) classifica o termo *hipermídia* como um conglomerado de informação multimídia de acesso não sequencial, navegáveis através

² Disponível em: http://www.whatsapp.com/?l=pt_br

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



de palavras-chave semialeatórias. São assim um paradigma para a construção coletiva do sentido, novos guias para a compreensão individual e grupal.

Holtzman (1997, p 169) lembra o movimento alienar que caracteriza a hipermídia. Segundo o autor, atualmente, a não linearidade transita por todas as partes de nossa cultura. E à medida que entram em nossas vidas, as novas mídias transformam não apenas nossas formas de pensar, mas também nossa percepção da realidade. Lúcia Santaella (2004) vai além ao afirmar que a descontinuidade das mídias não muda apenas nossa forma de pensar

[...] essa descontinuidade é perfeitamente homóloga aos modos contemporâneos de viver. Basta imaginar como se processa o cotidiano de uma pessoa em uma grande cidade, acompanhada de um celular conectado a Internet, de um *notepad* ou mesmo de um *notbook*, movendo-se no trânsito caótico, atendendo a compromissos disparatados. (SANTAELLA, 2004, p. 32).

E podemos perceber que não se restringe as grandes cidades, por toda parte onde há conexão com a internet as pessoas estão a todo tempo interligadas, até mesmo nas salas de aula. Por isso a necessidade dos professores estar a cada dia mais aptos a desenvolverem aulas interativas e também fazerem parte dos grupos que atendam as necessidades tanto deles como dos alunos, é onde o aplicativo do WhatsApp muitas vezes cumpre esse papel.

Pierre Lévy (1993), um dos principais pesquisadores da cibercultura acredita que as novas tecnologias não irão substituir as formas tradicionais de comunicação, mas, em outro momento, é controverso ao tratar como ultrapassados ou desusadas essas formas, particularmente o livro, a página, o “papel estático”, a imprensa em geral. Defendendo uma nova comunicação que permita ao usuário um status mais ativo. “O formato uniforme da página, a dobra parasita do papel, a encadernação independente da estrutura lógica do texto não têm mais razão de ser (...). Ao ritmo regular da página se sucede o movimento perpétuo de dobramento e desdobramento de um texto caleidoscópico”. (LÉVY, 1993).

Lévy acredita que a leitura feita na tela, de maneira multilinear, e rompendo com a “estrutura agonística das argumentações é contra argumentações”, ela instigaria mais a inteligência do leitor do que aquela realizada em outras mídias, notadamente no papel.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



Não resta dúvida de que é importante o esforço de diferenciar conceitualmente as novas tecnologias e a *Internet*. Afinal, essas têm trazido uma gama de novos elementos ao campo da comunicação. Acrescentam, por exemplo, à difusão unidirecional e massiva (do tipo um para todos, como ocorre nas mídias tradicionais) e à comunicação interpessoal (do tipo um para um, como ocorre no telefone e correio) uma nova possibilidade de comunicação, de muitos para muitos (LÉVY, 1999, p. 63).

No campo da pedagogia, uma ampla vertente – englobando autores como Neil Postman, Jane Healy, Paul LeBlanc – vê com descredito as vantagens do uso do computador e da Internet especialmente no caso de crianças e jovens. Jane Healy, após vários anos de pesquisa com centenas de alunos, alega ter trocado a postura de entusiasta pela de cética em relação aos aspectos cognitivos da relação homem/máquina. Segundo a pedagogia, o jovem usuário, em vez de mais ativo, pode experimentar o contrário. “Estar conectado ainda não demonstrou nenhum valor acadêmico e alguns dos principais *softwares* ‘educacionais’ podem inclusive trazer prejuízos à criatividade, atenção e motivação” (Healy, 1999, p.20) . Entre esses prejuízos estaria a maior dificuldade de socialização, de realizar pesquisas complexas e de construir relatos mais longos.

Do campo do jornalismo vem outra linha de crítica à Internet. Autores como Ciro Marcondes Filho (2000, p 146) admitem uma grande “atividade” do público na rede, mas desconfiam de que isso possa trazer efeitos negativos. Ao tratar das perspectivas que a rede oferece aos jornalistas, Ciro deixa claro seu desconforto com um futuro em que os usuários terão condições (tempo, habilidade, discernimento) para “pesquisar, localizar e utilizar toda a informação necessária à sua vida”, tornando dispensável o papel do jornalista ou, quando muitos, juntam, sintetizam volumes extensos de informação em função de uma demanda específica do leitor/consultor. Em ambos os casos desaparece certa função de conselheiro, de ‘opinião banalizada’ do especialista que sabe das coisas” (2000, p 146) .

Essa visão cética acaba levando a uma conclusão: a de certa “inviabilidade” dos jornalistas no futuro, conclusão muito semelhante a de LÉVY, que coloca em questão toda a comunicação midiática atual:

Se cada pessoa pode emitir mensagens para várias outras, participar de fóruns de debate entre especialistas e filtrar o dilúvio informacional de

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



acordo com seus próprios critérios (o que começa a tornar-se tecnicamente possível), seria ainda necessário, para se manter atualizado, recorrer a esses especialistas da redução ao mesmo denominador comum que são os jornalistas clássicos (LÉVY, 1999, p. 188).

Lévy, ao contrário de Marcondes, considera essa possibilidade extremamente preocupante e não deixa de apontar os eventuais riscos envolvidos. Uma rede que possibilita a publicação indiscriminada e descontrolada de qualquer material dificulta a tarefa de seleção ou triagem que permita distinguir

As informações ponderadas, democráticas, daquelas ligadas aos regimes totalitários, persecutórios; das ideologias que ‘cientificamente’ pretendem dizer que negros, judeus, comunistas ou qualquer que seja sua cor, deva ser perseguidos? Ou seja, como será a democracia sem a figura do crítico? Para jornalistas renomados, ainda na ativa, da grande imprensa americana, por exemplo, a função do gatekeeper, daquele que escolhe o que sai, como sai, ainda deve continuar. (Marcondes Filho, 2000, p. 147).

Marcondes não apenas desconfia do futuro dessa recepção ativa, mas errante e desorientada, como ainda alerta que ela é fortalecida pela predominância, na imprensa, de certo tipo de jornalismo passivo que se especialize em “copiar e colar” *releases*, repassar informações, reproduzir declarações de autoridades; enfim, um jornalismo mais ocupado em “comunicar” do que propriamente “informar”. Marcondes alerta que essa postura passiva já está disseminada nos veículos tradicionais da mídia impressa e eletrônica, e tende a ganhar ainda mais espaço no web jornalismo, que comumente opera “sob o princípio da rapidez, da redução e racionalização linguística, da velocidade”, deixando pouco tempo e espaço para procedimentos imprescindíveis como pesquisa, investigação, apuração, seleção, edição. O jornalista ativo é aquele que busca a informação, reflete sobre ela, relaciona-a a outra, contextualizando e só então passa para o nível da “comunicação”, que se traduz essencialmente na produção e divulgação das notícias.

WhatsApp

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



Jan Koum se inspirou em suas lembranças de infância em um país no qual os telefones eram alvo de escuta e amigos de escola eram censurados por suas opiniões para a criação do aplicativo Segundo ele:

No WhatsApp, nossos engenheiros passam todo o tempo corrigindo bugs, adicionando novas funções e polindo todos os pequenos detalhes de nossa tarefa de levar mensagens elaboradas, acessíveis e confiáveis a cada telefone no mundo. Este é nosso produto e nossa paixão. Seus dados nem estão na jogada. Não temos o mínimo interesse neles.

Em 2014, no dia 14 de fevereiro o aplicativo foi vendido por US\$16 bilhões para Mark Zuckerberg, criador do Facebook, considerada hoje umas das maiores redes sociais do mundo. Mesmo com a compra, o aplicativo de comunicação rápida e o Facebook Messenger funcionam de forma separada. A marca WhatsApp será preservada e a sede continuará funcionando na cidade de origem, Mountain View, Califórnia. Koum hoje é diretor-executivo do WhatsApp e faz parte da diretoria do Facebook. O Facebook ainda vai arcar com 3 bilhões para manter os funcionários. O pagamento foi realizado por meio de 12 bilhões de dólares em ações do Facebook e quatro bilhões de dólares em dinheiro, além de três bilhões em ações. Em 22 de Fevereiro, o WhatsApp Messenger parou de funcionar devido a uma instabilidade nos servidores, mas o problema foi resolvido.

WhatsApp usa uma versão personalizada do padrão aberto XMPP. Após a instalação, ele cria uma conta de usuário usando um número de telefone como o nome de usuário (Jabber ID). Enquanto a versão Android usa um hash MD5 da versão invertida do IMEI do telefone como senha, a versão iOS dobra o endereço MAC do telefone e aplica o hash MD5. Mensagens multimídia são enviadas através do carregamento da imagem, áudio ou vídeo para um servidor http e enviando um link para o conteúdo juntamente com a sua miniatura codificada em Base64(se aplicável). O WhatsApp também sincroniza com a agenda do telefone, para que os usuários não precisem adicionar contatos em uma agenda separada. Como todos os usuários são registrados com o número do telefone, o software identifica todos os usuários WhatsApp entre os contatos registrados no telefone. Isto significa que o WhatsApp coleta dados dos contatos de todos os usuários, a fim de fazer tal equiparação conveniente, o que levanta questões óbvias de privacidade

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



Análise dos Resultados

A análise se deu através de uma entrevista estruturada, na qual alunos, professores e a Coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio/Seama foram convidados a responderem. Para facilitar a compreensão, dividimos a análise em dois grupos, o Grupo A, composto por universitários e o Grupo B, formado por professores e a Coordenadora.

O Grupo A, respondeu 16 perguntas específicas sobre o uso do aplicativo WhatsApp. Dos 116 alunos atualmente matriculados no curso de Jornalismo no 2º, 4º, 6º e 8º semestres, 58 participaram do questionário. São alunos na faixa etária de 18 à 43 anos.

Os questionários foram realizados nos dias 28, 29 e 30 de Outubro, pelo período da noite. A maioria dos universitários se mostraram interessados em responder, alguns responderam a contra gosto e uma minoria não concluiu o questionário.

Quando perguntados se utilizam o aplicativo WhatsApp, 57 alunos responderam que sim e apenas 1 disse que não. Dos usuários, 50 ficam conectados ao aplicativo o dia todo e sete usam apenas em alguns momentos do dia.

Sobre o uso do aparelho celular em sala de aula, 54 universitários admitiram não desligar o telefone em sala, três desligam às vezes e apenas um durante as provas.

Ao serem questionados se durante as aulas eles usam o WhatsApp, 39 disseram que sim, nove afirmaram que não, sete usam apenas algumas vezes e dois não responderam.

De acordo com um entrevistado que não utiliza mais o aplicativo, o “WhatsApp não contribui e nem atrapalha, mas existe muita fofoca e esse foi um dos motivos que me fez não o utilizar mais”. Porém, 51 dos entrevistados quando questionados se já tiveram problemas com colegas de turma ou professores por conta do WhatsApp, disseram que nunca aconteceu. Ao contrário de seis que confessaram ter tido problemas.

Durante toda esta pesquisa, a maioria das dúvidas sobre a mesma foram esclarecida através do WhatsApp, assim como as datas de orientações. A interação entre aluna e professora/orientadora ocorreu por quase todos os dias, o que facilitou muito o desenvolvimento da parte teórica e prática.

* Trabalho apresentado no D11 - Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



Comprovamos com a pesquisa que, quando indagados sobre se o aplicativo ajuda ou atrapalha na interação entre aluno e professor, houve uma certa divisão, 25 universitários acreditam que ajuda, 22 acham que ora sim, ora não e quatro não responderam ou não souberam responder.

As pessoas que não possuem o aplicativo WhatsApp, utilizam o SMS, que são mensagens breves enviadas individualmente. Uma das funções mais utilizadas do WhatsApp, são os grupos de conversa, que diferente do SMS, permite o bate-papo com no máximo 50 participantes ao mesmo tempo. Ao criar um grupo, a pessoa torna-se o administrador, podendo não somente adicionar, como também excluir os participantes, e se o administrador sair por algum motivo do grupo, automaticamente outra pessoa do grupo será selecionado pelo próprio aplicativo.

Dos estudantes de Jornalismo participantes, 44 fazem parte de grupos, 10 preferem não participar, um foi excluído e dois não responderam. Os indivíduos que pertencem aos grupos, podem nomear e renomear o mesmo, dos vários nomes de grupos que existe, estes são alguns que os entrevistados participam e que tem relação com o curso de Jornalismo: Portal do estudo, Jornalismo Seama, CJJGQ, Jornalismo AP, Lado B, Pauta Quente, Comunicadores AP, 4-JRN, Amigos da imprensa, Turma da TV, Jornalismo plantão, 6-JRN, Secom GEA, Liberdade de expressão, Turma TJAP e 8-JRN.

De acordo com a resposta dos universitários entrevistados, as mensagens veiculadas nestes grupos versam sobre temáticas relacionadas à faculdade e ao curso: trabalhos, informações sobre aulas, atividades, avisos de professores, provas, notas, horários, formatura e TCC. Assim como outros assuntos diversos, que envolve política, atualidades do Brasil e do mundo, vida pessoal, convites para eventos da faculdade e pessoais, notícias trágicas, proposta de emprego e na maioria das vezes assuntos desnecessários e sem importância, que não contribuem para o desenvolvimento da turma.

Das opções de mensagens que o WhatsApp oferece, de texto e de voz, 37 alunos utilizam com maior frequência as mensagens de texto, três usam mais as mensagens de voz, seis usam as duas opções e 11 não responderam.

Quando perguntados se professores participam dos grupos, 41 dos alunos disseram que sim, seis disseram que não e dez não responderam ou não souberam responder.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



Segundo eles os assuntos tratados entre discentes e docentes nestes grupos são relacionados às atividades em sala, notas de avaliação, dúvidas e esclarecimentos sobre trabalhos, comunicados de professores a respeito de afastamento por motivo de saúde, assuntos para as próximas aulas, prazos para entrega de atividades, orientações de TCC e horários.

De todos os entrevistados, 27 se sentem à vontade em tratar qualquer tema em grupos que há professores, 18 não se sentem à vontade e dez não responderam por não participarem de grupos.

A opinião dos entrevistados é ampla quando a pergunta é a respeito da eficiência do WhatsApp. Dos participantes, 51 dos entrevistados acham aplicativo eficiente por ser moderno, e tudo que é moderno é eficaz, por ser ágil, rápido, facilitador na comunicação entre pessoas, por permitir o contato entre cidades distantes de imediato, por informar a qualquer hora, por ser divertido e possibilitar a troca de fotos, vídeos, e mensagens de voz, por ser dinâmico, por reunir um número considerável de pessoas em um mesmo grupo, por ser capaz de mostrar os acontecimentos em tempo real, por ser completo e ser uma ótima ferramenta de comunicação para o Jornalismo, é eficiente por ter um custo baixo e por poupar tempo na busca de informação para quem usa. Três universitários acreditam na eficiência do aplicativo se for usado corretamente, pois o envio de mensagens falsas, fotos e vídeos íntimos e pessoais podem causar sérios problemas e desentendimentos. Apenas um estudante não acha eficiência no aplicativo, pois segundo ele a internet do estado por ser carente atrapalha no envio e recebimento de mensagens.

Em relação ao grupo B – formado por oito professores que lecionam no curso de jornalismo da Estácio-Seama – responderam a oito perguntas, também específicas sobre o WhatsApp. Dentre eles, sete dos entrevistados utilizam o aplicativo no celular e um não, pois ele diz: “Nunca tive necessidade de usar”. Quando questionados sobre a participação em grupos na qual alunos também participam, cinco professores responderam que fazem parte desses grupos e dois são presentes apenas em grupos de professores. Segundo eles os tipos de mensagens trocadas nestes grupos entre universitários e professores são: Mensagens informativas sobre o curso e as disciplinas, divulgação de trabalhos (encontros e desenvolvimentos), notícias da cidade, diálogos vazios, troca de imagens, convites pessoais, projeto de aulas, orientações de trabalhos,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



provas, mensagens com temas diversos como entretenimento, atualidade, política e por vezes comentários desnecessários de alguns alunos.

Dos professores que utilizam o aplicativo para se comunicar com os alunos, cinco acham o WhatsApp importante, pois agiliza o contato e facilita a troca de informação, a comunicação é em tempo real, mesmo quando não há conexão “assim que a rede volta os alunos podem ter acesso ao conteúdo”, se bem utilizado, torna o aprendizado e o acompanhamento mais interativo, além de estreitar a relação professor/aluno, ajuda também a complementar a demanda dentro e fora da sala, inclusive de tirar dúvidas e “os alunos estão praticamente 24h on-line, os recados são mais eficientes pelo WhatsApp do que pelos grupos de facebook e SMS, já para a troca de arquivos, ainda deixa a desejar”. Um dos professores que não participa de grupos com alunos diz que “Aluno envia muitas bobagens”.

Muitos dos alunos entrevistados ficam conectados ao aplicativo mesmo durante as aulas. Quando questionados sobre se esta ação incomoda, sete dos professores alegaram que incomoda em partes, um diz que “Depende, se for algo pontual não, mas se for recorrente sim”, outro diz que “Quando o volume é inadequado, reprimo. Quando usado discretamente, permito”, outro alega que “Às vezes o aluno perde a atenção da matéria. Assim acaba sendo negativo. Ainda é ruim quando dispersa, desconcentra um aluno que acaba mobilizando outros. Mas na maioria das vezes, já me acostumei a ignorar e às vezes até pergunto sobre o que se trata e aproveito para usar como exemplo na aula”, já na opinião de outro professor o aplicativo “Quando usado em demasia a ponto de desviar totalmente a atenção, incomoda um pouco, mas quando utilizados em momentos que não comprometem o andamento da aula e com moderação é até tolerável”, outro diz que “Quando o acesso atrapalha o andamento da aula, me sinto incomodada e peço a atenção dos alunos”, outro diz que não “Desde que não ‘fiquem’ somente no aplicativo” e por fim um dos docentes diz “Não me incomoda muito, não me importo com o uso, só acho que tem que ser moderado”. Apenas um professor não se incomoda e ao responder diz: “Não tenho sido atrapalhado por este uso”.

Conclusão

Procuramos neste estudo, analisar as interações desenvolvidas por universitários, professores e coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio Seama por

* Trabalho apresentado no D11 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



meio do aplicativo WhatsApp. Nosso objetivo era comprovar se as mensagens trocadas através deste aplicativo tinham resultados positivos ou negativos em relação à comunicação entre estes indivíduos no ambiente acadêmico. Para isso, realizamos uma entrevista estruturada com os envolvidos.

No desenvolvimento deste estudo pode-se notar que as pesquisas referentes ao aplicativo WhatsApp, especificamente, são poucas. Grande parte dos materiais disponíveis, principalmente na internet, aborda a comunicação mediada por computadores ou de celulares, mas ainda são escassos os estudos com *smartphones* e aplicativos de celular, em especial o WhatsApp. É possível que futuramente as conclusões levantadas sejam desconsideradas.

Diante das respostas dos entrevistados pudemos concluir que o WhatsApp é de grande importância para os alunos, professores e coordenação do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio Seama.

Uma pequena parcela dos entrevistados declarou que o aplicativo não é eficaz para a comunicação entre eles e os professores, mas a grande maioria se mostrou satisfeita com a funcionalidade do aplicativo, mesmo que por algumas vezes este traga certos problemas, pela má utilização do mesmo por alguns usuários.

Um dia antes da entrega deste trabalho³, o aplicativo Whatsapp passou por uma nova atualização. A partir de agora os indivíduos poderão saber quando suas mensagens foram lidas pelo destinatário. Até então, as regras para notificações no WhatsApp, eram as seguintes: um 'check'⁴ ao lado da mensagem significava que ela saiu do celular que enviou, duas, que chegou ao destinatário. Entretanto, a última atualização do aplicativo dá a possibilidade de saber quando a mensagem foi lida, pois os 'checks' recebem a coloração azulada no momento que a mensagem foi lida. O 'check' azul já existia para avisar que uma mensagem de voz havia sido ouvida, ou um vídeo gravado dentro do aplicativo, visto, mas agora vale para todas as mensagens.

Esperamos que este estudo possa contribuir com futuras pesquisas e sirva de material bibliográfico para o entendimento da dinâmica dos indivíduos que cada vez mais fazem uso destes aplicativos.

³ A entrega do trabalho foi no dia 06 de novembro de 2014.

⁴ Sinal em forma de V que aparece no canto inferior da tela de conversação do aplicativo Whatsapp.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



REFERÊNCIAS

HEALY, Jane. In: CUNHA Leonardo. **No balanço da rede**. In: cultura em fluxo: novas mediações em rede. /André Brasil ... [et al] Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004

HOLTZMAN. In: SANTAELLA, Lúcia. **Antecedentes da alinearidade hipermidiática nas mídias mosaíquicas**. In: Cultura em fluxo: novas mediações em rede/André Brasil ... [et al] Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informatica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Edições Loyola. 1996. 2ª Edição revista

KOUM, Jan. **Criador do WhatsApp, Jan Koum foi de imigrante pobre a multimilionário**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/02/1415716-criador-do-whatsapp-jan-koum-foi-de-imigrante-pobre-a-multimilionario.shtml>. Acesso 27, Março 2014

PISCITELLE, Alexandro. **Ciberculturas 2.0. Em la era de las máquinas inteligentes**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

RICHARDSON, Robert Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Antecedentes da alinearidade hipermidiática nas mídias mosaíquicas**. In: Cultura em fluxo: novas mediações em rede/André Brasil... [et al] Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. Petrópolis, RJ: Vozes; 1998.

UOL, site. **Cofundador do whatsapp já pediu emprego no Facebook, mas não foi contratado**. Disponível em <http://tecnologia.uol.com.br/noticia/redacao/2014/02/20/criador-do-whatsapp-ja-pediuemprego-no-facebook-mas-nao-foi-contratado.htm>. Acesso em: 27 Mar. 2014.

ZOO WOORD. Facebook negou emprego a fundador do WhatsApp, em 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/02/1415213-facebook-negou-emprego-a-fundador-do-whatsapp-em-2009.shtml>> Acesso em: 28 Mar. 2014.

BLOG NAS NUUVENS. **Você sabe o que é WhatsApp**. 2013. Disponível em: <http://apaulasm.blogspot.com.br/2013/09/voce-sabe-o-que-e-whats-app.html> Acesso em: 15 out. 2014.

Anexos

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama



QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

- Qual curso você faz? Que semestre?
- Que idade você tem?
- Você tem celular?
- Você utiliza o aplicativo WhatsApp?
- Com que frequência?
- Em sala de aula você desliga o celular?
- Se você respondeu não, você utiliza o whatsApp durante as aulas?
- Você já teve algum problema com algum professor ou com algum colega de turma por usar o WhatsApp em sala?
- Qual sua opinião sobre o aplicativo whatsApp? Você acha que ajuda ou atrapalha na interação entre aluno ou professor?
- Você possui grupos no whatsApp que tem alguma relação com o seu curso? Se sim quais os nomes?
- Quais as mensagens que são mais veiculadas nesses grupos?
- Você e seus colegas de curso utilizam mais mensagens de texto ou de voz?
- Tem professores que fazem parte desses grupos?
- Quais os principais assuntos tratados entre vocês e seus professores nos grupos?
- Você se sente à vontade em tratar qualquer tema nos grupos onde há professores?
- Você acha o aplicativo whatsApp eficiente? Por quê?

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

- Qual seu nome?
- Quais disciplinas você leciona?
- Você possui o aplicativo WhatsApp no seu celular?
- Se a resposta da pergunta anterior for não, por que?
- Você faz parte de grupos no WhatsApp relacionados às turmas que você é professor(a)?
- Quais os tipos de mensagens que são trocadas nesses grupos?
- Você acha este aplicativo importante para se comunicar com seus alunos? Por quê?
- Você se incomoda com o uso do WhatsApp pelos alunos em sala de aula?

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

2- Professora Mestre no curso de Jornalismo na Faculdade Estácio Seama

3- aluna de pós Graduação na Faculdade Estácio Seama